



Anais do Encontro Virtual  
da Rede de Pesquisa em  
Governança da Internet  
Novembro de 2022

# V ENCONTRO DA REDE DE PESQUISA EM GOVERNANÇA DA INTERNET - REDE 2022

---

## FICHA TÉCNICA

### ANAIS DA REDE DE PESQUISA EM GOVERNANÇA DA INTERNET - VOL. 5, ISSN 2675-1690

#### Editores

Diego Vicentin  
Maria Vitoria Pereira de Jesus

#### Autores

Adriana Veloso  
Cristina Carvalho  
Hermann Bergmann  
Javier de la Cruz Martínez  
Julio Marinho  
Maiara Stefany  
Manuel Alberto  
Mariana Gomes  
Marina Gonçalves  
Paula Guedes  
Raimundo Miguel  
Rebeca Souza

## COMITÊ ORGANIZADOR

### Núcleo de Coordenação da Rede de Pesquisa em Governança da Internet

Alexandre Arns Gonzales  
Carolina Batista Israel  
Diego Vicentin  
Fernanda R. Rosa  
Gustavo Ramos Rodrigues

Hemanuel Jhosé Alves Veras  
Kimberly de Aguiar Anastácio  
Maria Vitoria Pereira de Jesus  
Nathan Paschoalini Ribeiro Batista

#### Comitê Científico

Carolina Batista Israel  
Daniela Araújo  
Diego Vicentin  
Fernanda R. Rosa  
Flávio Rech Wagner  
Gills Vilar-Lopes  
Jean Santos  
Leonardo Ribeiro da Cruz  
Maria Mónica Arroyo  
Marta Mourão Kanashiro  
Raquel Gatto  
Rodolfo Avelino  
Rosemary Segurado

#### Moderadores

Ana Claudia Farranha  
Bianca Kremer  
Carolina Batista Israel  
Diego Vicentin  
Fernanda R. Rosa  
Flávio Rech Wagner  
Jess Reia  
Leonardo Ribeiro da Cruz  
Marisa von Bulow

#### Debatedores

Adriana Veloso  
Alessandra Ogassavara  
Cristina Carvalho  
Hermann Bergmann  
Javier de la Cruz Martínez  
Julio Marinho

Luis Henrique Antunes  
Maiara Stefany  
Manuel Alberto  
Mariana Gomes  
Marina Gonçalves  
Paula Guedes  
Raimundo Miguel  
Rebeca Souza  
Rosemary Segurado

O V Encontro da Rede de  
Pesquisa em Governança da  
Internet e a publicação dos  
Anais resultantes deste encontro  
receberam apoio de:

Internet Society - Capítulo Brasil

Programa de Pós-Graduação em  
Ciências Sociais do Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas  
(IFCH) da Universidade Estadual  
de Campinas (UNICAMP) por  
meio de recursos da Coordenação  
de Aperfeiçoamento de Pessoal  
de Nível Superior (CAPES) -  
convênio n. 0524/2021.



## **IN DATA WE TRUST: A (CIBER) INFORMAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE PODER POLÍTICO**

CRISTINA CARVALHO PACHECO  
REBECA RABÊLO

### **SUMÁRIO**

|                                                          |    |
|----------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO .....                                         | 5  |
| 1. IN DATA WE TRUST: O CASO DA CAMBRIDGE ANALYTICA.....  | 6  |
| 2. CONCEITUANDO O (CIBER) PODER .....                    | 8  |
| 3. A ERA DA INFORMAÇÃO .....                             | 11 |
| 3.1 A informação como instrumento de poder político..... | 13 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                               | 15 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....                         | 15 |



## **IN DATA WE TRUST: A (CIBER) INFORMAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE PODER POLÍTICO**

Rebeca Rabêlo<sup>1</sup> e Cristina Carvalho Pacheco<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O artigo visa entender como as informações disponíveis no ambiente virtual podem ser instrumentalizadas para alcançar o poder. Assim, foi realizada uma leitura crítica do uso da informação e do exercício da democracia no ambiente virtual no contexto das Relações Internacionais, argumentando sobre o surgimento de novos atores transnacionais e como a coleta e o uso direcionado desta informação vão além das fronteiras físicas dos Estados. O artigo divide-se em três seções. Na primeira, são contextualizados os eventos envolvendo a empresa de marketing *Cambridge Analytica*. Na segunda, a definição de poder cibernético é discutida. Finalmente, são apresentados os tipos de informação que podem ser usados como fonte de poder, com base nos teóricos Robert Keohane e Joseph Nye (1998), além de abordar o poder da propaganda como um instrumento de política de poder.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Cambridge Analytica; Big Data; Poder cibernético; Informação

### **ABSTRACT**

The article aims to understand how information available in the digital environment can be instrumentalized to achieve power. Thus, a critical reading of the use of information and the exercise of virtual democracy in the context of International Relations was carried out, arguing about the emergence of new transnational actors and how the collection and the targeted use of this information go beyond the physical borders of states.

<sup>1</sup> Rebeca Rabêlo é mestranda em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e bacharel em Relações Internacionais pelo Centro Universitário de Brasília (UniCeub). É pesquisadora do Pró-Defesa IV - Ciência, Tecnologia e Inovação em Defesa: Cibernética e Defesa Nacional.

<sup>2</sup> Profa. Dra. Cristina Carvalho Pacheco é coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). É pesquisadora do INCT-INEU.

The article is divided into three sections. In the first, the events involving the marketing company Cambridge Analytica are contextualized. In the second, the definition of cyber power is discussed. Finally, the types of information that can be used as a source of power are presented, based on theorists Robert Keohane and Joseph Nye (1998), as well as addressing the power of propaganda as an instrument of power politics.

## KEYWORDS

Cambridge Analytica; Data; Cyber Power; Information

## INTRODUÇÃO

A democracia e a globalização estão passando por profundas transformações lideradas pelos movimentos da sociedade global da informação (Keohane, Nye, 1998). Apesar da invenção da internet decorrer do século XX, o espaço cibernético como conhecemos é algo recente (PORTELA, 2019). As rápidas transformações digitais, as novas tecnologias que surgem a todo instante e o alto volume de dados produzidos no ambiente virtual conseguem movimentar agendas referentes à Ciência Política e às Relações Internacionais. Isso se deve ao fato de que o ciberespaço tende a facilitar cada vez mais a interação entre Estados, atores não estatais e indivíduos. Neste contexto, os dados “deixados” por usuários ao consumir conteúdos na internet ficam disponíveis e podem ser coletados e explorados por terceiros que, por sua vez, podem manipular tais informações com finalidade de criar predileções políticas e sociais.

Em seu artigo *Big Data for cross-national study of political behavior*, Russell Dalton (2016) trouxe a discussão do Big Data para o campo da política eleitoral. Considerou os dados como uma ferramenta em potencial para prever a probabilidade de voto do indivíduo e, até mesmo, para apontar qual candidato seria provavelmente escolhido. O escândalo envolvendo a empresa de marketing britânica, *Cambridge Analytica* (CA), revelou a importância que o *Big Data* pode ter em campanhas políticas (RICHTERICH, 2018). Em 2018, perante o tribunal em Londres, Christopher Wylie, ex-diretor de pesquisa da CA, explicou que mais de 87 milhões de dados dos usuários do *Facebook* foram explorados e usados para prever e influenciar as eleições estadunidenses em 2016. Martins e Tateoki (2019) explicam que os dados gerados por acesso a sites e redes sociais podem ser coletados e usados para manipulação do eleitor e de determinados grupos ao apresentar exatamente aquilo que agrada o indivíduo.

Em entrevista ao *El País* (2018), Wylie esclareceu que, a partir dos dados coletados, a CA traçava o perfil dos indivíduos que tinham tendências a acreditar em

teorias da conspiração, como as que envolvem os *Deep States*<sup>3</sup>. Depois criaram conteúdos e publicidades direcionados a essa parte da população que se identificava com as premissas da campanha presidencial de Donald Trump (2017-2021). O uso de novas tecnologias de Inteligência Artificial pela *Cambridge Analytica* foi crucial para alcançar muitos indivíduos com anúncios segmentados, notícias falsas e ataques focais sobre determinados temas políticos. Para a psicóloga social, Shoshana Zuboff (2019) esse processo feito de maneira automatizada permite a mudança do comportamento dos indivíduos em escala, além de transformar conhecimento, que pode ser entendido como informação, em poder.

Sendo assim, o presente artigo busca compreender como as informações retiradas de grandes bases de dados podem ser utilizadas como instrumento para o alcance do poder. Foi realizada uma leitura crítica sobre o uso da informação e do exercício da democracia no ambiente virtual dentro do contexto das Relações Internacionais, argumentando sobre o surgimento de novos atores transnacionais e como a coleta de dados e o uso direcionado dessas informações ultrapassam as fronteiras físicas dos Estados. A pesquisa<sup>4</sup> fundamenta-se no estudo bibliográfico e exploratório por meio de revisão de literatura narrativa sobre o uso da informação como instrumento de poder. A metodologia qualitativa é utilizada para analisar e compreender os fatos que culminam no uso das informações deixadas dentro do ambiente virtual como fonte de informação para criação de predileções no campo político, como foi o caso da *Cambridge Analytica*. Assim, no artigo tem-se o uso de fontes secundárias com literaturas concernentes ao tema trabalhado.

## **1. IN DATA WE TRUST: O CASO DA CAMBRIDGE ANALYTICA**

A vitória de Donald Trump (2017-2021) nas eleições presidenciais estadunidenses de 2016, abriram espaço para discussão de como as mídias sociais contribuíram para a difusão da persona política de Trump entre seus eleitores (VIEIRA; PORTELA; RABÊLO, 2021). Quatro anos antes, as eleições presidenciais de 2012, ficaram conhecidas como “a primeira eleição dirigida por Big Data” (HERSH, 2015; DALTON,

---

<sup>3</sup> A teoria *Deep State* consiste em disseminar informações sobre “poderosos” que exercem influência de maneira oculta em um determinado Estado. Uma das teorias mais difundidas é a QAnom, associada à extrema direita estadunidense.

<sup>4</sup> Trata-se de uma pesquisa que se encontra em desenvolvimento junto ao Programa de Mestrado em RI, sob orientação da Profa. Dra. Cristina Pacheco. Este artigo concentra algumas reflexões iniciais.

2016). Apesar de redes sociais como *Twitter* e *Facebook* serem utilizadas na época, diversas organizações desenvolveram um banco de dados a partir de listas de registro de leitores nos Estados Unidos e cruzaram informações com banco de dados governamentais, dados econômicos de fornecedores e dados sociais. Ao cruzar esses dados e realizar o processamento analítico das informações geradas foi possível prever o comportamento eleitoral. Dalton (2016) argumenta que as aplicações de análise de *Big Data* são o ponto central do sucesso de análises preditivas.

Em 2016, após a vitória de Trump, o presidente da *Cambridge Analytica*, parabenizou o candidato republicano e declarou seu entusiasmo com a abordagem da comunicação orientada por dados para o marketing político (RICHTERICH, 2018, p. 532). Em março de 2018, jornais como *The New York Times* e *The Guardian* revelaram o escândalo envolvendo a CA e o Facebook (HU, 2020). Segundo as denúncias, a empresa utilizou cerca de 87 milhões de dados pessoais dos usuários do *Facebook*. Os dados foram coletados por meio do aplicativo *This is your digital life*<sup>5</sup>, criado pelo professor Aleksander Kogan (MARTINS, TATEOKI, 2019). Em abril de 2018, Mark Zuckerberg, fundador e CEO do *Facebook*, admitiu perante o Senado dos Estados Unidos e, posteriormente, no Parlamento Europeu que os dados foram coletados sem o consentimento dos usuários (LAGOS, 2020). O *This is your digital life* possibilitou que os dados dos usuários e de seus contatos fossem armazenados (LAGOS, 2020), possibilitando a extração para o desenvolvimento de propagandas políticas voltadas para o ex-presidente Donald Trump (HU, 2020; RICHTERICH, 2018).

O uso de dados pessoais coletados de maneira indevida acendeu a discussão sobre a proteção de dados, privacidade e manipulação dessas informações no espaço virtual. Para Hu (2020), os algoritmos condicionados pela inteligência artificial (IA) da *Cambridge Analytica* foram um dos pilares para moldar o comportamento dos eleitores estadunidenses. Segundo Zuboff (2019), as táticas desenvolvidas pela CA produziram uma certa ignorância no indivíduo, permitindo uma evasão da sua consciência. A autora argumenta que a “guerra de informação”, conceito apresentado por Wylie, representa o padrão operacional do capitalismo de vigilância que “reivindica de maneir-

---

<sup>5</sup> O *This is your digital life* foi criado com o objetivo de ser um teste de personalidade no Facebook. Os dados, a princípio, foram utilizados para um estudo psicológico conduzido por Kogan. (MARTINS, TATEOKI, 2019; RICHTERICH, 2018)

ra unilateral a experiência humana como matéria-prima gratuita para a tradução em dados comportamentais” (ZUBOFF, 2019, p. 22).

Segundo a matéria publicada pelo jornal *The Guardian* (2018), a *Cambridge Analytica* utilizou técnicas de direcionamento de mensagens nas redes sociais para eleitores inclinados a votar em Trump. No YouTube, a empresa segmentou, a partir de dados geográficos, pessoas indecisas e apoiadores, direcionando diferentes propagandas eleitorais para cada público. Outra técnica utilizada foi a manipulação de pesquisas indexadas do Google por meio de publicidade paga. A estratégia de utilizar dados e informações como fonte de tomada de decisões promoveu grandes mudanças dentro do cenário internacional contemporâneo, como revelou o caso da *Cambridge Analytica*. Conforme o apresentado é possível notar que os dados digitais podem ser um poderoso instrumento de poder político. A estratégia de utilizar dados e informações como fonte de tomada de decisões promoveu grandes mudanças dentro do cenário internacional contemporâneo, como revelou o caso da *Cambridge Analytica*. A próxima seção consiste em apresentar a definição de poder dentro do ambiente virtual.

## 2. CONCEITUANDO O (CIBER) PODER

A informação gerada por algoritmos tem sido utilizada por instituições públicas, privadas e por atores não estatais que enxergam na tecnologia uma maneira mais eficiente para alcançar resultados no domínio cibernético. A coleta dessas informações pode ser feita por meio da técnica de *Web Scraping*<sup>6</sup>, que permite extração de um alto volume de dados de maneira automática. Já a análise feita por meio inteligência artificial (IA) é capaz de observar padrões e regularidades em informações dispersas, concentrando cada vez mais poder nas mãos de grandes empresas de tecnologia que controlam sistemas algorítmicos. Para Maria de Jesus (2021, p. 9) a análise desses dados feita pela IA permite tomar decisões mais assertivas, utilizando “predições algorítmicas”.

Conforme explica Joseph Nye (2012) a estrutura transnacional de grandes empresas permite a exploração de dados em todo mundo. Na mesma linha, Jesus (2021) sustenta que algumas empresas possuem recursos humanos e financeiros maiores do que muitos governos, e, por conta dessa assimetria, muitas empresas e, até mesmo, indivíduos se aproveitam da vulnerabilidade que domínio cibernético provoca para co-

---

<sup>6</sup> Raspagem ou extração de dados estruturados e não-estruturados dentro de sites e redes sociais.

leta de dados digitais deixados pela população. Por conta dessa realidade, o espaço cibernético passou a ser uma temática presente no sistema internacional, alterando o que entendemos por fonte de poder (NYE, 2012). Para Nye (2012) o poder cibernético tem de transformar os dados em informações, criando preferências.

Para John Sheldon (2013) o poder cibernético pode ser compreendido como um instrumento coercitivo já que bases de dados podem ser exploradas para obtenção de informações que produzam efeitos estratégicos na política internacional. Assim, o espaço cibernético torna-se uma poderosa ferramenta, já que permite que as relações sejam cada vez mais intensas (CASTELLS, 2003; PORTELA, 2019). Para Zuboff (2019), o poder instrumentário, seria o poder característico dessa era virtual, já que ele molda e transforma o comportamento dos indivíduos em benefício de terceiros

Em vez de armamentos e exércitos, ele faz valer sua vontade através do meio automatizado de uma arquitetura computacional cada vez mais ubíqua composta de dispositivos, coisas e espaços “inteligentes” conectados em rede (ZUBOFF, 2019, p. 23).

Dentro desta perspectiva, o poder instrumentário pleiteia seu domínio sobre a sociedade, buscando dominar, coagir e moldar autonomia individual. A racionalidade e o processo de decisão passam a ser baseados no algoritmo, podendo reafirmar processos de exploração e dominação, representando um risco à liberdade democrática.

No campo das Relações Internacionais, Joseph Nye (2012, p. 57) define o ciberespaço como “um domínio operacional enquadrado pelo uso da eletrônica para explorar informações via sistemas interconectados e sua infraestrutura associada.” Definido como “um conjunto de recursos relacionados com a criação, controle e comunicação de informações eletrônicas e baseadas em computador - infraestrutura, redes, software e habilidades humanas.” (NYE, 2012, p. 57). O poder cibernético inclui a internet dos computadores, intranets, internet das coisas (IOT), além da comunicação dentro do ambiente virtual. Ao utilizar elementos do poder cibernético é possível obter resultados por meio do uso das informações interconectadas eletronicamente com os recursos do domínio cibernético (NYE, 2012).

Segundo Nye (2012) o poder cibernético está dividido em “*resource*” e “*behavioral*”. O primeiro, *resource*, seria delimitar o poder pelo que o Estado tem: uma população maior, um grande território, recursos naturais e econômicos, força militar e estabilidade social. Apesar de parecer algo concreto, os resultados esperados diferem: “Nem sempre os Estados mais dotados obtêm resultados desejados.” (NYE, 2012, p. 10). A

segunda definição refere-se ao poder cibernético *behavioral*: “As definições comportamentais julgam o poder pelos resultados após a ação” (NYE, 2012, p. 10), sendo utilizado para gerar resultados e preferências, principalmente, dentro do ciberespaço. É possível utilizar instrumentos cibernéticos para produzir resultados preferenciais em outros domínios virtuais ou físicos. Para compreender melhor essas duas definições, Nye (2012) apresenta as três faces do poder cibernético, que combinam aspectos de *hard* e *soft power*.

Nas Relações Internacionais, Nye e Keohane (2008) definem *Hard Power* como uso da demonstração de força para constranger o outro, essa demonstração de força é feita por meio do poder militar, sanções econômicas e até mesmo incentivos financeiros. Já o *Soft Power*, é compreendido como a habilidade em modelar o desejo, ou seja, o exercício de uma influência mais indireta:

**Quadro 1 – Faces do domínio cibernético**

|                                                                                                                 | <b>HARD</b>                                                                                               | <b>SOFT</b>                                                                                                                         |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Primeira Face:</b><br>A induz B a fazer o que B inicialmente não faria.                                      | Ataques de negação de serviços, inserção de malwares, interrupções de sistema Scala, prisões de bloggers. | Campanha de informação para mudar as preferências iniciais, recrutamento de membros de organizações terroristas.                    |
| <b>Segunda Face</b><br>A impede a escolha de B, excluindo as estratégias de B.                                  | Firewalls, filtros e pressão sobre as companhias para excluir algumas ideias                              | Automonitoramento de ISPs e sites de busca, regras do ICANN sobre nomes de domínios, padrões de software amplamente aceitos.        |
| <b>Terceira Face</b><br>A molda as preferências de B para que algumas estratégias não sejam nunca consideradas. | Ameaças de punir bloggers que disseminam material censurado.                                              | Informações para criar preferências (como estimulação do nacionalismo e hackers patrióticos), desenvolvimento de normas de repulsa. |

Fonte: Elaboração própria baseada em NYE (2012, p. 171)

Ao notar a terceira face é possível observar como as preferências de determinados atores podem ser manipuladas, já que as informações e ideias compartilhadas dentro do ambiente virtual assumem um papel primordial na construção da realidade de indivíduos e Estados (PORFÍRIO; PORTELA; RABÊLO, 2021), antecipando o comportamento e as ações humanas, havendo uma relação entre comando, controle, comunicação e fluxo de informações entre máquinas e seres humanos (LOBATO, KENKEL, 2015).

Conforme explica Vladeck (2018), os dados dos usuários do *Facebook* “moldaram e melhoraram” os algoritmos da Cambridge Analytica, melhorando a eficácia do *microtarget messaging* (Vladeck, 2018, *apud* HU, 2019), a estratégia de *microtarget* consiste em usar dados de consumo e demográficos para identificar interesses específicos de indivíduos ou pequenos grupos e influenciar seu consumo. A partir da análise de curtidas deixadas pelos usuários, a empresa conseguiu “identificar diversos parâmetros de personalidade existentes na imensa base de dados colhidos e, com isso, engendrou uma campanha publicitária política específica para cada tipo de usuário” (MARTINS, TATEOKI, 2019, p. 144). A fusão entre dados, informação e a ideia de poder fazem do espaço cibernético uma importante ferramenta frente a busca por projeção nacional e internacional. Ou seja, o poder cibernético é capaz de se ajustar aos movimentos sociais e políticos que surgem na era da informação.

### 3. A ERA DA INFORMAÇÃO

O fluxo de dados gerado no ciberespaço gerou uma oportunidade para ampliar a busca por poder de Estados e de atores não-estatais. Joseph Nye e Robert Keohane (1998, p.4) apontam que um alto volume de informações pode ser transmitido diversas vezes a custos insignificantes no ciberespaço. *Big Data*, inteligência artificial, *chatbots*<sup>7</sup> são algumas das novas ferramentas e instrumentos usados dentro do espaço cibernético. Essas tecnologias podem afetar diretamente o processo de tomada de decisão e atuação dos Estados, trazendo para a esfera política novos atores e ampliando a voz política de cidadãos comuns.

Em *Power and Interdependence on the Information Age*, Keohane e Nye (1998) concluem que políticos e tomadores de decisões deveriam ter a habilidade de manter a credibilidade diante de diversas fontes de informações. As informações disponíveis no ambiente virtual podem ser difundidas por meio de diversos canais de comunicação no mundo político de maneira mais fluida e direta. Conforme Nye e Keohane (1998), existem três tipos de informação que podem ser usadas como fonte de poder:

---

<sup>7</sup> Um *chatbot* é um *software* capaz de manter uma conversa com um usuário humano em linguagem natural, por meio de aplicativos de mensagens, sites, e outras plataformas digitais.

## Quadro 2 -Tipos de informação

|                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Informação Livre       | Informações que os atores estão dispostos a criar e distribuir sem compensação financeira. O remetente se beneficia do fato de o receptor acreditar nas informações e, portanto, têm incentivos para produzi-la.                                                                                         |
| Informação Comercial   | São informações que as pessoas estão dispostas a criar e enviar a um determinado preço. Para que tais informações estejam disponíveis em site e Internet, é preciso que questões de direitos de propriedade sejam resolvidas para que os produtores da informação possam ser compensados pelos usuários. |
| Informação Estratégica | As informações estratégicas são tão antigas quanto a espionagem e só conferem grande vantagem aos atores se seus concorrentes não as possuem.                                                                                                                                                            |

Fonte: Elaboração própria com base em *Power and Interdependence in the Information Age* de Robert Keohane e Joseph Nye (1998).

Ao combinar os três tipos de informação com os dados gerados dentro do espaço cibernético, é revelado que ambos podem ser usados para contornar e determinar a construção de novas políticas, além de descentralizar o poder dos Estados. Essa revolução da informação está “mudando a natureza do governo e acelerando a difusão do poder.” (NYE, 2012, p. 54). De acordo com Nye (2012), essas mudanças ocorrem de duas formas, pela “transição de poder” e pela “difusão do poder”. Na transição de poder, o Estado não é mais o ator central na política mundial. Na difusão de poder há redução de um poder hegemônico, ou seja, os novos atores como empresas, ONGs e principalmente indivíduos. Conforme explica Manuel Castells (2003) o acesso à informação pode trazer autonomia e legitimidade para inserção global de novos atores, trazendo interdependência e fortalecendo laços locais. Ou seja, o acesso à informação no ambiente virtual permite que a sociedade se torne mais engajada, e a internet transforma-se, neste momento, em uma importante ferramenta para organização política.

Porém, a internet, a democracia e política informacional podem ser utilizadas como “um instrumento privilegiado para atuar, informar, recrutar, organizar, dominar e contra dominar” (CASTELLS, 2003, p. 95). Para exemplificar como a informação é fonte para o exercício do poder político, tem-se o caso da Cambridge Analytica, já citado. A CA utilizou as informações contidas nos dados como ferramenta de persuasão política, além de criar ataques-focais com compartilhamento de *fake news*, manipulando “tendências políticas de eleitores, resultando em uma ruptura da democracia e gerando, de forma deliberada, uma sociedade polarizada.” (FONASER; BECK, 2020, p. 184). O grande fluxo de informações, a falta de ética na coleta e tratamento de dados para fins privados podem ser um desafio às relações entre Estados, atores transnacionais e a democracia.

### 3.1 A INFORMAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE PODER POLÍTICO

Em clássica obra escrita nos anos 30, “Vinte anos de Crise”, Edward Carr (2001) já previa que a opinião pública, hoje representada na informação, era uma importante ferramenta para a consolidação do poder, podendo ser combinada e até mais efetiva que o poder militar e econômico. Para Carr (2001), a propaganda como instrumento de poder divide-se em dois momentos: no primeiro momento, a opinião é condicionada pelo *status* e pelo interesse e, no segundo, é condicionada por um grupo ou nação dominante que pode desenvolver opiniões favoráveis para sua manutenção no poder. Segundo o autor, o poder sobre a opinião pode ser limitado pela necessidade de algum grau de relacionamento com o fato, por mais que uma boa publicidade consiga persuadir o público, a falta de relacionar o fato com cotidiano dos indivíduos pode fazer com que as propagandas não sejam tão eficientes, isso não mudou muito com o passar do século XX.

Já no século XXI, Wylie (EL País, 2018) afirmou que uma das estratégias utilizadas pela CA foi a utilização de conteúdos baseados na teoria da conspiração e *Deep States*. Ao analisar os perfis dos usuários no *Facebook*, foram mapeados aqueles mais suscetíveis a cair nessa espiral de notícias falsas. Para Zuboff (2019) a CA utilizou ferramentas que buscavam prever o comportamento na área comercial para esfera política, criando blogs e sites com notícias falsas direcionadas às pessoas mais receptíveis a essas teorias conspiratórias:

A diferença é quando você engana, quando cria uma realidade na medida certa para alguém, quando você se dirige a uma pessoa porque sabe que é mais suscetível de cair em teorias conspiratórias porque você obteve esse perfil dela, e a conduz a uma espiral de notícias falsas. Uma das coisas que fazíamos nos Estados Unidos era pesquisar essa noção de *deep state* e a paranoia com o Governo. [...] Então você fabrica blogs ou sites que parecem notícias e os mostra o tempo todo às pessoas mais receptivas a esse pensamento conspiratório. Depois elas assistem à CNN e lá não há nada do que eles veem o tempo todo na Internet, e pensam que a CNN esconde alguma coisa [...]. (CHRISTOPHER WYLIE, ex-diretor de pesquisa da Cambridge Analytica, em entrevista ao EL PAÍS, 2018)

O uso ativo da internet fornece “um canal de comunicação horizontal, não controlado e relativamente barato, tanto de um-para-um quanto de um-para-muitos” (CASTELLS, 2003, p. 107). A rápida difusão de informações pode ser usada como ferramenta de poder por ativistas, políticos e diversos outros atores. Apesar de ser um espaço mais inclusivo, o ciberespaço pode ser um lugar de assimetrias, principalmente, em relação a questões de poder e democracia:

O problema, naturalmente, não está na Internet, mas no tipo de política que nossas sociedades estão gerando. Uma política que em última instância molda o poder dos Estados numa época em que eles se defrontam com uma transformação de seu ambiente de segurança. (CASTELLS, 2003, p.107)

A busca por poder sempre esteve presente no campo de estudo das Relações Internacionais. Para o teórico Edward Carr (2001) o poder é um instrumento indispensável para o estabelecimento de um governo no sistema internacional. O autor divide o poder na esfera internacional em três categorias: a) Poder militar; b) Poder econômico; c) Poder sobre a opinião. O autor afirma que a democracia tem diferentes aspectos para cada Estado, as democracias sustentam e seguem a opinião das massas. O teórico explica que determinados grupos que detêm acesso à opinião, podem moldar e até reformular a opinião das massas, assim, “ainda que as condições de controle de tais meios variem, sendo visivelmente mais estritas nos países totalitários, mesmo nos países democráticos “há uma visível tendência na direção do controle centralizado da informação” (CASARÕES, 2012, p. 49; CARR, 2001, p. 175). Sendo assim, é possível notar que ao explorar o ciberespaço gera oportunidade para impactar as relações políticas, podendo influenciar a opinião pública, o crescimento econômico e decisões eleitorais.

O volume de informações que chega com o uso do ciberespaço e da internet faz com que a sociedade precise ter uma opinião sobre tudo, gerando novas linguagens nas relações entre Estados e atores transnacionais no exercício da democracia virtual (VIEIRA; PORTELA; RABÊLO, 2021). Ao utilizar a publicidade e opinião como instrumentos de poder para criar preferências, é ultrapassada a barreira material e física, moldando questões sobre identidade, interesses e sentimentos. O caso da *Cambridge Analytica* torna evidente que a estrutura de poder como conhecíamos foi alterada, a dataficação das escolhas nos faz refletir sobre a representação um mundo dinâmico, onde a decisão baseada em dados pode minar processos democráticos, trazer maiores desigualdades e desumanizar as interações sociais. Segundo Dencik (2020, p. 569) o valor atribuído aos dados apresenta um “poderoso composto de interesses e suposições” o que acaba impulsionando a transformação política. Ainda que as decisões possam se tornar mais assertivas, é preciso se atentar para o papel daqueles que processam esses dados, já que a decisão baseada em dados se torna cada vez mais relevante no cenário político atual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um mundo cada vez mais multipolar, o poder cibernético e a difusão do poder alteram as assimetrias de poder entre Estados, indivíduos e demais atores não-estatais. Os dados gerados no espaço cibernético são capazes de ultrapassar as barreiras físicas dos Estados. Análises desenvolvidas por inteligência artificial conseguem produzir mudanças significativas para o mundo real, ou físico. Os três tipos de informações apresentadas por Keohane e Nye (1998) são o primeiro passo para compreender como a informação e os dados disponíveis no âmbito virtual fazem parte do processo de difusão de poder, tornando a sociedade cada vez mais engajada, mas também suscetível a campanhas de desinformação. O poder instrumentário apresentado por Zuboff (2019) confirma que o acesso à informação, ao saber, operacionaliza a dominância do comportamento humano.

O escândalo da *Cambridge Analytica*, escancarou como o uso de dados virtuais podem ser usados contra a democracia e livre escolha da população. Sendo assim, é possível concluir que as tecnologias marcam a mudança que a era virtual trouxe na construção das relações atuais, as alterações políticas e comportamentais. Fica claro que as informações disponíveis não só podem, como são usadas para influenciar novas narrativas para a tomada nas tomadas de decisões políticas ao redor do mundo, como foi o caso da eleição de Donald Trump. Em uma sociedade cada vez mais interdependente e conectada virtualmente, o surgimento de novas tecnologias tende a trazer novas circunstâncias aos valores sociais e culturais ligados ao comportamento de indivíduos e do Estado. A informação baseada em dados pode ser compreendida como uma nova forma de se fazer política, contextualizando um desafio para democracias consolidadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARR, Edward H. **VINTE ANOS DE CRISE 1919 - 1939**: uma introdução ao estudo das relações internacionais. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. 354 p. (ISBN:85-230-0635-4). Trad. Luiz Alberto Figueiredo Machado

CASARÕES, Guilherme Stolle Paixão e. Qual o lugar da democracia nas Relações Internacionais? Uma narrativa teórica. **Contexto Internacional: Journal of global connections**. Rio de Janeiro, p. 43-77. 25 nov. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-85292012000100002>. Acesso em: 06 jul. 2022.

CASARÕES, Guilherme Stolle Paixão e. **Democracia e Fake News**. Antônio Gonçalves Conversa. 28 de setembro de 2020. <https://www.facebook.com/583068684/videos/10158587729303685/>

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. Tradução Maria Luiza Borges.

DALTON, Russell J.. The Potential of Big Data for the Cross-National Study of Political Behavior. **International Journal Of Sociology**, [S.L.], v. 46, n. 1, p. 8-20, 2 jan. 2016. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/00207659.2016.1130410>

DENCIK, Lina. Mobilizing Media Studies in an Age of Datafication. **Television & New Media**, [S.L.], v. 21, n. 6, p. 568-573, 26 jul. 2020. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1527476420918848>.

EUROPEAN PARLIAMENT AND OF THE COUNCIL. **General Data Protection Regulation**. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?uri=CELEX%3A02016R0679-20160504&qid=1532348683434>. Acesso em: 14 jul. 2022.

FORNASIER, Mateus de Oliveira; BECK, Cesar. Cambridge Analytica: escândalo, legado e possíveis futuros para a democracia. **Revista Direito em Debate**, [S.L.], v. 29, n. 53, p. 182-195, 26 maio de 2020. <http://dx.doi.org/10.21527/2176-6622.2020.53.182-195>.

EL PAÍS. El Brexit no habría sucedido sin Cambridge Analytica. Londres, p. 0-0. 27 mar. 2018. Disponível em: [https://elpais.com/internacional/2018/03/26/actualidad/1522058765\\_703094.html](https://elpais.com/internacional/2018/03/26/actualidad/1522058765_703094.html). Acesso em: 27 set. 2019.

HU, Margaret. Cambridge Analytica's black box. **Big Data & Society**, [S.L.], v. 7, n. 2, p. 205395172093809, jul. 2020. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/2053951720938091>.

JESUS, Maria Vitória Pereira de. NEUTROS, OBJETIVOS E EFICIENTES? O USO DE ALGORITMOS EM PROCESSOS INSTITUCIONAIS DE TOMADAS DE DECISÃO. In: IV ENCONTRO VIRTUAL DA REDE DE PESQUISA EM GOVERNANÇA DA INTERNET, 2021. **Anais do Encontro Virtual da Rede de Pesquisa em Governança da Internet**. 2021. p. 4-23

JÚNIOR, Augusto Wagner Menezes Teixeira; LOPES, Gills Vilar; FREITAS, Marco Túlio Delgobbo. As três tendências da guerra cibernética: novo domínio, arma combinada e arma estratégica. **Carta Internacional**, v. 12, n. 3, p. 30-53, 2017.

KEOHANE, Robert O.; NYE, Joseph S. Power and Interdependence in the Information Age. **Foreign Affairs**, [S.L.], v. 77, n. 5, p. 81, 1998. JSTOR. <http://dx.doi.org/10.2307/20049052>.

KEOHANE, Robert O; NYE, & Joseph. Power and interdependence, **Survival**, 15:4, 158-165, 2008. DOI: 10.1080/00396337308441409. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00396337308441409?journalCode=tsur20>. Acesso em 30 jul. 2022

LOBATO, Luisa; KENKEL, Kai Michael. A Ciberguerra é moderna! Uma investigação sobre a relação entre tecnologia e modernização na guerra. **Contexto Internacional**, v. 37, p. 629-660, 2015.

LOPES, Gills Vilar. **Relações internacionais cibernéticas (CiberRI): uma defesa acadêmica a partir dos estudos de segurança internacional**. 2016. 171 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Cap. 2.

LYUBIMOV, A. P.; CHERNY, V. The Evolution of Globalism: from computerization to e-democracy and the digital economy of knowledge. **Automatic Documentation And Mathematical Linguistics**, [S.L.], v. 55, n. 2, p. 39-45, mar. 2021. Allerton Press. <http://dx.doi.org/10.3103/s0005105521020060>.

NYE JR, Joseph S. O futuro do poder. São Paulo: Benvirá, 2012.

NYE JR, Joseph S. O Paradoxo do Poder Americano: Porque a única superpotência do mundo não pode prosseguir isolada. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

MARTINS, Marcelo Guerra; TATEOKI, Victor Augusto. Proteção de dados pessoais e democracia: fake news, manipulação do eleitor e o caso da Cambridge Analytica. **Revista Eletrônica Direito e Sociedade - Redes**, [S.L.], v. 7, n. 3, p. 135, 21 out. 2019. Centro Universitário La Salle - UNILASALLE. <http://dx.doi.org/10.18316/redes.v7i3.5610>.

MILAN, Stefania; TRERÉ, Emiliano. Big Data from the South(s): beyond data universalism. **Television & New Media**, [S.L.], v. 20, n. 4, p. 319-335, 11 abr. 2019. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1527476419837739>.

MONTESANTI, Beatriz. Além dos EUA: como a Cambridge Analytica atuava em eleições pelo mundo. **Uol Notícias**. São Paulo, p. 0-0. 24 mar. 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/03/24/como-a-cambridge-analytica-atuava-para-alem-dos-eua.htm>. Acesso em: 06/ 07/2022.

LAGOS, Camila P. Rendre visibles les conséquences de la surveillance numérique. **Communication**, [S.L.], n. 37/2, 3 ago. 2020. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/communication.13252>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/communication/13252>. Acesso em: 20 ago. 2022.

PORTELA, Lucas Soares. Geopolítica do espaço cibernético e o poder: o exercício da soberania por meio do controle. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**, [S.L.], v. 5, n. 1, p. 141-165, 2 abr. 2019. Associação Brasileira de Estudos de Defesa - ABED. <http://dx.doi.org/10.26792/rbed.v5n1.2018.75081>.

PORTELA, Lucas Soares. **Movimento Centrais e Subjacentes no Espaço Cibernético do Século XXI**. 2015. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestre em Ciências Militares, Instituto Meira Mattos da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2015

RICHTERICH, Annika. How Data-Driven Research Fuelled the Cambridge Analytica Controversy. **Partecipazione e Conflitto**: The Open Journal of Sociopolitical Studies, [S.L.], p. 529-523, 2018. University of Salento. <http://dx.doi.org/10.1285/I20356609V11I2P528>.

SCHUMPETER, Joseph. **Capitalismo, socialismo e democracia**. São Paulo: Unesp, 2016. 666 p. (ISBN: 978-85-9546-103-1). Tradução Luiz Antônio Oliveira de Araújo.

SIMON, Julie; BASS, Theo; BOELMAN, Victoria. **Digital Democracy**: the tools transforming political engagement. England: Nesta, 21017. Disponível em: <https://www.nesta.org.uk/report/digital-democracy-the-tools-transforming-political-engagement/>. Acesso em: 1 jul. 2022.

SHELDON, John B. The rise of cyberpower. **Strategy in the contemporary world**, p. 282-298, 2013.

VIEIRA, Danilo Porfírio de Castro; PORTELA, Lucas Soares; RABÊLO, Rebeca Souza. POPULISMO CONTEMPORÂNEO E A NOVA (CIBER) POLÍTICA: uma nova forma de se fazer política por meio da aproximação de identidades digitais. **Revista de Estudos Internacionais**, João Pessoa, v. 12, n. 2, p., 05 nov. 2021

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira de poder. Tradução: George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019. 823 p.